



Samambaia, a nova cidade-satélite, foi definida como ponto de partida do ambicioso programa que quer dar casa a 15 mil famílias

Roriz dará moradia a 15 mil famílias

O Distrito Federal tinha em 28 de fevereiro 14 mil 613 famílias que moravam em favelas. Chega ao fim do ano praticamente sem nenhuma favela, depois de um programa de reassentamento desenvolvido em regime de emergência, que teve como centro principal a nova cidade-satélite de Samambaia.

A preocupação do Governo do DF, a princípio dirigida à população favelada, acabou se estendendo a outra parcela de brasilienses que também viviam em situação precária. Foi assim que os chamados inquilinos de fundo de quintal igualmente mereceram a atenção do GDF e já estão sendo beneficiados pelo mesmo tipo de assentamento.

Quando o governador Joaquim Roriz assumiu o governo, em setembro de 1988, Brasília vivia uma grande crise. Em julho de 1988, um mandado de segurança impetrado pela Comissão de Justiça e Paz contra a derrubada de barracos obteve liminar na Justiça do DF. A Comissão de Justiça e Paz pedia, na sua ação, que a chamada Lei de Proteção aos Animais valesse também para os seres humanos, impedindo o governo de usar a força para erradicar invasões. A Justiça concedeu liminar ao mandado e o governador Roriz tomou posse sem poder agir contra a explosão de invasões e construções clandestinas.

Em novembro, quando a liminar concedida pela Justiça foi suspensa, o GDF iniciou a discussão do problema, através

da Semana da Habitação, na qual a solução dos lotes semi-urbanizados apresentou-se como a mais viável, tendo em vista a emergência vivida em Brasília, onde as invasões tomavam até o Eixo Rodoviário Norte e outros pontos centrais.

SOLUÇÕES

Na Semana da Habitação, o plano de emergência surgiu com nitidez, depois de muitos debates com lideranças comunitárias e órgãos técnicos. O GDF constatou que o tamanho mínimo do lote semi-urbanizado deveria ser de 120 metros quadrados. Verificou também que a venda do terreno seria inconveniente, porque incentivaria a especulação imobiliária, parecendo claro que a melhor solução era mesmo a concessão de uso para o imóvel.

Tornava-se necessário, no entanto, um diagnóstico mais preciso da realidade. Assim, nos meses de janeiro e fevereiro desse ano, as equipes técnicas da Secretaria de Serviços Sociais percorreram todas as favelas do DF, cadastrando as famílias e numerando os barracos. Foi um trabalho minucioso e cansativo, que criou expectativa na população. O resultado assustou: 14 mil 613 famílias moravam nas chamadas invasões.

A perspectiva de atendimento aos favelados agitou os chamados inquilinos de fundo de quintal. Eles alegavam que viviam em condições tão subumanas quanto os demais e mereciam ser atendidos pelo programa.

Em paralelo com o cadastramento dos favelados, foi feito então o registro das famílias de inquilinos, através dos Centros de Desenvolvimento Social. Veio a público um número ainda mais assustador: 135 mil famílias apresentaram-se como sendo de inquilinos de baixa renda, pedindo moradia.

Junto com essas duas massas carentes, o governo precisava preocupar-se também com áreas antigas de baixa renda, muitas delas assentadas há 30 anos em pontos diversos do DF. Era o caso das vilas Paranoá e Planalto, do Acampamento Telebrasília, e de núcleos favelados como Areal, Varjão, entre outros.

Pelo programa de assentamento, cada família recebe um terreno de 125 m², com energia elétrica e água através de chafariz comunitário.

SAMAMBAIA

Havia muito o que se fazer e o importante era começar logo. Assim, foi escolhida a localidade de Samambaia para iniciar o programa, recebendo inicialmente os moradores da favela da Boca da Mata, que abrigava, na periferia de Taguatinga, 2 mil 200 famílias. A partir do dia 10 de março desse ano, a Boca da Mata começou a se instalar em Samambaia e a solução dos lotes semi-urbanizados mostrou-se viável.

Dentro do Programa de Assentamento, a família recebe um terreno de 125 metros quadrados, com energia elétrica e água através de chafarizes. As ruas foram projetadas com previsão para futura urbanização e são encascalhadas, para permitir o tráfego de veículos. Os ex-favelados recebem orientação

sanitária e têm acesso a uma planta de arquitetura padronizada, oferecida pelo governo àqueles que querem construir suas casas.

Samambaia é um exemplo de como uma favela se transforma em cidade, desde que lhe seja dada condição para isso. Na antiga Boca da Mata, só havia barracos precários, as ruas eram desencontradas e os moradores nem mesmo plantavam uma árvore no quintal. De posse de um terreno, cada família organizou-se para levantar paredes e até mesmo ocorreu o trabalho comunitário de produção de tijolos através da oficina instalada pela Fundação Maria do Barro.

O progresso chegou rapidamente. Hoje em dia, vivem em Samambaia 17 mil 628 famílias, número que poderá ser ampliado até 23 mil dentro do planejamento atual. A maioria dos moradores veio de favelas, mas há também inquilinos de fundo de quintal ali instalados.

TRÊS FASES

Na verdade, há muitos anos era para já ter ocorrido algo semelhante. Quando foi implantada, há cerca de cinco anos, Samambaia foi apresentada como um projeto que teria três fases bem distintas.

A primeira, destinada à população de alta renda, aconteceu logo no início, com a venda dos

terrenos de mansões. Este setor está plenamente implantado, com casas de alto valor. A segunda fase ocorreu logo depois, com a implantação de um setor composto de casas populares construídas pela Shis.

Só no atual governo se começou a implantar esta terceira fase, composta de habitações para população de baixa renda. Ao mesmo tempo, o governador Joaquim Roriz enviou mensagem ao Senado criando a Administração Regional de Samambaia, que já é uma nova cidade-satélite de Brasília.

No reassentamento feito em Samambaia abrigam-se famílias vindas dos mais diferentes pontos do DF. O maior contingente veio mesmo da Boca da Mata, mas há também cerca de 1 mil 200 famílias oriundas da favela do Ceub. Este pessoal morava na área surgida em paralelo com a Asa Norte, na qual agora será implantado o Parque Ecológico da Asa Norte. Da mesma forma, na região onde existia a Boca da Mata, a Secretaria do Meio Ambiente está criando o Parque Ecológico de Taguatinga. Esta iniciativa evita que surja uma nova favela no local e oferece à comunidade do DF duas reservas ecológicas implantadas sob rigoroso planejamento.

SEM CONFLITOS

A erradicação das favelas em

Brasília se deu sem conflitos, ao contrário do que tem ocorrido em muitas outras cidades. Tudo foi feito sob grande negociação. Assim, acabou sendo transferida para Samambaia a favela Colina, com 69 famílias que viviam dentro do campus da Universidade de Brasília. A chamada Vila Sarney (o Lixão da Asa Sul), com 180 famílias, também saiu sem problemas, junto com os moradores de dezenas de outras favelas. Eis os nomes de algumas delas: Parafusos (CEB), Setor de Indústrias, Cruzeiro, Vila José Aparecido, Vila Xavier, Espigão Sobradinho, favelas esparsas do Plano Piloto, Orca (Taguatinga), Setor de Indústrias Gráficas, QI 17 e QI 15, Iate Clube, Minas D'Água, Ponte do Bragueto, aglomerados da Asa Sul, Mata Verde (QI 19), Desafio Jovem, Bairro Nossa Senhora de Fátima, Avenida Maranhão (Planaltina), Expansão do Setor O, QNO 16, 17, 18 e 20, dispersas do Guará, Setor de Postos e Motéis, Asa Branca, Esperança e Espigão de Sobradinho, entre outros casos menos conhecidos.

Em paralelo, o governo precisa deixar sempre no ar o alerta contra o surgimento de novas invasões. Diariamente, equipes da Terracap e das Administrações Regionais, com a participação da polícia, percorrem todos os pontos do DF, identificando o surgimento de novos

A erradicação das favelas em Brasília se deu sem conflito, ao contrário de em outras cidades.

Tudo foi feito sob grande negociação.

barracos e tomado providências imediatas. Muitas vezes até os helicópteros da Secretaria de Segurança Pública são usados, fazendo fotografias de pontos críticos do território.

É muito importante que o GDF tenha um controle nesta área, para que possa concluir o Programa de Reassentamento sem que focos de favelas já tenham surgido na cidade.

O compromisso do Governo do DF é atender àquelas famílias que foram cadastradas até 28 de fevereiro deste ano. Para isso, órgãos como Terracap, Novacap, CEB, Caesb, DER, Fundação de Serviços Sociais e muitos outros estão com grande parte da sua estrutura voltada para o assentamento, tendo o orgulho de registrar o atendimento de cerca de 50 mil famílias, entre as 25 mil que já estão instaladas e outras 25 mil que já foram convocadas a ocupar áreas.

MUITAS ÁREAS

O Programa de Reassentamento começou em Samambaia e por isso esta área é a mais conhecida. Mas está sendo implantado em diferentes pontos do DF de acordo com o cadastramento feito em fevereiro.

No Setor Q, por exemplo, 1 mil 872 famílias já receberam

lotes semi-urbanizados, o que corresponde a mais de onze mil pessoas. Mas já estão sendo assentadas famílias também em Sobradinho, Planaltina, Gama, Setor M, Setor P-Sul e Brazlândia, além da Vila Paranoá.

O caso do Paranoá é muito especial. Ali está sendo implantada uma nova cidade-satélite, já aprovada pelo Senado e com administração regional em fase de instalação. Há cerca de oito mil famílias residentes no local.

O Paranoá tradicional, instalado às margens do lago há cerca de 30 anos, foi desaconselhado pelos estudos técnicos realizados dentro do Relatório de Impacto Ambiental (Rima). A comunidade surgiu numa área rochosa, impossível de ser aproveitada dentro de critérios urbanísticos. Era preciso haver um recuo em relação à área original, o que está sendo feito. Isto é: o Paranoá está mudando de lugar.

Suas ruas incertas e estreitas, que não permitiam o tráfego de um caminhão de lixo, serão substituídas por ruas de sete metros de largura, planejadas dentro das exigências normais na implantação de uma nova cidade.

No novo Paranoá é mais viá-